

A EPILEPSIA NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Carolina Nunes Torres¹; Maria Cecília Martins de Moraes²; Júlia Pereira de Lira Marques³; Pedro Paulo de Deus Andrade⁴; Fernanda de Oliveira César⁵.

¹Graduando em medicina pela Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília - Distrito Federal, carolina.ntonres@sempreceub.com;

²Graduando em medicina pela Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília - Distrito Federal, 2017mcomm2017@gmail.com;

³Graduando em medicina pela Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília - Distrito Federal, juliamarques@me.com

⁴Graduando em medicina pela Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília - Distrito Federal, pedro.deusandrade@sempreceub.com;

⁵Médico, Brasília, Distrito Federal, fernanda.ocesar@ceub.edu.br.

INTRODUÇÃO: A epilepsia é uma doença crônica do cérebro caracterizada por uma predisposição persistente para gerar crises não provocadas, acompanhada de consequências neurobiológicas, cognitivas e sociais significativas. Segundo a definição atual, o diagnóstico é estabelecido por dois ou mais episódios não provocados com intervalo superior a 24 horas, uma única crise com alto risco de recorrência ou a identificação de uma síndrome epilética, como a síndrome de West ou a síndrome de Dravet. A etiologia da epilepsia infantil é multifatorial, abrangendo fatores genéticos, malformações no desenvolvimento cortical, lesões perinatais e infecções do sistema nervoso central, o que torna seu manejo clínico particularmente complexo. Nesse contexto, a classificação proposta pela International League Against Epilepsy (ILAE) em 2017 desempenha um papel fundamental ao priorizar a etiologia desde o diagnóstico, categorizando as causas em estruturais, genéticas, metabólicas, infecciosas, imunológicas e desconhecidas. Essa abordagem permite uma compreensão mais precisa da doença e orienta a escolha de estratégias terapêuticas. Nos últimos anos, avanços nas áreas de neuroimagem funcional, genética molecular e terapêutica farmacológica têm revolucionado o tratamento da epilepsia pediátrica, oferecendo novas perspectivas para melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Apesar disso, desafios significativos persistem, como a farmacoresistência, que afeta até 30% dos casos, e a necessidade de abordagens multidisciplinares que integrem cuidados neurológicos, psicológicos e sociais. Esta revisão de literatura tem como objetivo sintetizar as evidências científicas mais

recentes sobre a epidemiologia, fisiopatologia, diagnóstico e tratamento da epilepsia na infância, destacando as lacunas no conhecimento atual e propondo direcionamentos para futuras pesquisas. Ao abordar essas questões, busca-se contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e personalizadas no manejo dessa condição neurológica complexa. **OBJETIVOS:** sintetizar as principais evidências sobre as formas de epilepsia mais presentes na infância, considerando sua apresentação clínica, classificação etiológica e manejo. **METODOLOGIA:** Revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e descritiva. A busca foi realizada na base de dados PubMed, utilizando os descritores “Crianças”, “Epilepsia” e “Infantil” com o operador booleano AND. Foram selecionados artigos publicados nos últimos cinco anos (2020 a 2025), sendo encontrados 12 artigos e selecionados 6 por se alinharem ao escopo da revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As evidências apontam que as convulsões focais são mais comuns do que as generalizadas na população pediátrica, sendo que as epilepsias focais intracranianas ocorrem com maior frequência no lobo temporal, seguidas pelo lobo frontal. Essas crises podem se manifestar como crises conscientes, motoras, não motoras ou tônico-clônicas bilaterais, tendo origem em estruturas subcorticais. Já as crises generalizadas se iniciam em um ponto do cérebro e se espalham rapidamente para os dois hemisférios, envolvendo redes corticais e subcorticais. Os tipos mais comuns incluem crises mioclônicas, de ausência, tônicas, atônicas e tônico-clônicas. Dentre as principais síndromes epiléticas na infância, destacam-se a síndrome de West, a epilepsia de ausência infantil e a síndrome de Dravet. Além disso, cerca de 30% das crianças apresentam farmacorresistência, exigindo terapias alternativas como dieta cetogênica, cirurgia ou neuromodulação. A presença de convulsões frequentes, uso de múltiplas medicações e tempo prolongado de diagnóstico impacta negativamente na percepção de saúde da criança, tornando o apoio familiar e psicossocial essencial para ampliar a sensação de controle e bem-estar dos cuidadores. **CONCLUSÃO:** Esse estudo evidencia que a epilepsia na infância é uma condição neurológica de grande complexidade, possuindo manifestações clínicas diversas, bem como repercussões importantes no desenvolvimento cognitivo e qualidade de vida da criança, com predominância de crises focais. Assim, o manejo eficaz demanda identificação precoce dos subtipos, bem como atuação multiprofissional.



PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Epilepsia; Infantil.

REFERÊNCIAS:

BEGHI, E. The epidemiology of epilepsy. *Neuroepidemiology*, Basel, v. 54, n. 2, p. 185–191, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1159/000503831>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31852003/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FISHER, R. S., et al. "Epileptic seizures and epilepsy: definitions proposed by the International League Against Epilepsy (ILAE) and the International Bureau for Epilepsy (IBE)" DOI: 10.1111/j.0013-9580.2005.66104.x

LIMAN, M. N. P.; AL SAWAF, A. Epilepsy EEG. In: STATPEARLS [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32644338/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SCHEFFER, I. E., et al. ILAE classification of the epilepsies: Position paper of the ILAE Commission for Classification and Terminology DOI: <https://doi.org/10.1111/epi.13709>

VRŠČAJ, E. et al. The perceived health of children with epilepsy, sense of control, and support for their families. *Epilepsy & Behavior*, [S. l.], v. 112, 107454, nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2020.107454>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32971386/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

WILMSHURST, J. M., et al. "The challenges and innovations for therapy in children with epilepsy." DOI: <https://doi.org/10.1038/nrneurol.2014.58>